

TRAGÉDIA NA ENSEADA

SEM PRAZO PARA VOLTAR PARA CASA

Avaliação é de perito que veio do Rio para averiguar estrutura

“Provavelmente eles não voltam para cá este ano.” A avaliação do perito Robson Gaiofatto põe fim as esperanças de muitos moradores de passarem mais um Natal e Réveillon no apartamento dos sonhos. O diretor do Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia (Ibape-ES) foi um dos primeiros a inspecionar a área de lazer do Grand Parc Residencial Resort, na Enseada do Suá, Vitória, na tarde de ontem.

O local foi alvo de um desabamento na madrugada da última segunda-feira. Toda a área de lazer que atendia as três torres do empreendimento, com 166 apartamentos, ruiu sobre dois pavimentos de garagem. A tragédia matou o porteiro Dejair das Neves e feriu outras quatro pessoas, uma delas o síndico do condomínio José Fernando Marques Rigo.

INTERDIÇÃO

Na manhã de ontem, a perícia da Polícia Civil também esteve no local, fazendo as primeiras avaliações. Foi acompanhada pelas equipes das Defesas Cíveis do Estado e a de Vitória, que interditaram por tempo indeterminado todo o condomínio.

Em função disso, o dia de ontem foi de grande movimentação nos prédios, com moradores aproveitando a última oportunidade de retornarem às suas casas para pegar objetos pessoais.

De acordo com Gaiofatto, não há previsão para a conclusão das perícias que precisarão ser efetuadas. Algumas visam saber como está a estrutura das três torres. E ainda há riscos, diz, de novos desabamentos na área de lazer.

VALORES

R\$ 1,2
milhão

É o preço médio de cada apartamento das três torres do Grand Parc Residencial Resort.

R\$ 50
milhões

Era o valor avaliado do empreendimento, no ano de 2007, quando foi lançado.

Os especialistas também dependem da liberação do projeto estrutural, que permitirá analisar se houve diferenças entre o que foi proposto e o que foi de fato executado. “Se houver, é um problema. Por isto é preciso muita cautela”, explicou o perito.

E a recuperação da área não será um serviço rápido, estima o presidente do Ibape, Rúbio Marx. Vai depender, principalmente, das condições de segurança. “O prazo é de 30 a 90 dias para a perícia. Depois disso ainda tem que ser feita a limpeza da área, refazer instalações, vistorias”, relata.

E para executar as obras, o condomínio precisará contratar um projeto arquitetônico. De posse do projeto, será necessário solicitar à Prefeitura de Vitória um alvará para obras emergenciais, como explica Lenise Loureiro, secretária de Desenvolvimento da Cidade.

Ela relata que, após a liberação da perícia, uma alternativa para o condomínio será iniciar uma obra emergencial que garanta a



Moradores tiveram a última chance de pegar pertences nos apartamentos

“

Tudo depende do trabalho da perícia e se as causas serão descobertas com rapidez”

—
RUBIO MARX
PRESIDENTE DO IBAPE

habitabilidade e o acesso às três torres. Hoje, segundo a Defesa Civil Estadual, as redes de água e esgoto, assim como o fornecimento de energia e gás está comprometido. Há ainda escombros que dificultam o acesso aos prédios, cujos elevadores não funcionam.

“O local da área de lazer pode ser isolado e um projeto pode indicar alternativas de acesso às torres e reformas que permitam que os serviços e a mobilidade seja garantida no local”, explicou Lenise.

Numa outra etapa caberia ao condomínio decidir o que seria feito com a área de lazer. Nos duas situações, de acordo com a secretária, será preciso projetos arquitetônicos que apontem o que será feito, com a indicação de um engenheiro responsável pelas obras. “Em todas as etapas haverá acompanhamento do município.”

A maratona para recuperação dependerá ainda de recursos, o que passa pela indenização da Allianz, a seguradora contratada. Segundo a empresa, uma equipe de peritos já chegou ao Estado, mas aguarda a liberação de acesso ao local para iniciar suas análises.

TRAGÉDIA NA ENSEADA



Quarto desmontado
Carla e o marido subiram pelo menos seis vezes os 11 andares de escada até o apartamento onde moravam. Eles levaram até o berço do filho, de três meses.

“Desmontei o quarto do meu filho todo, só deixei as fraldas”

—
CARLA EINSFELD
JORNALISTA



Ajuda de amigos
Paulo recrutou os amigos para ajudar a retirar os objetos do apartamento. Ele está hospedado na casa da sogra com a mulher e os dois filhos, um deles recém-nascido.

“Estou levando tudo o que posso. Não sei o que vai acontecer”

—
PAULO MANSUR
MÉDICO

MORADORES TÊM MEDO DE VOLTAR PARA O PRÉDIO

Eles retiraram objetos pessoais e eletrodomésticos dos imóveis

“Quero ir embora, comprar outra casa”, desabou uma moradora do Grand Parc Residencial Resort na tarde de ontem. Pedindo para não ser identificada, ela relatou que o menor barulho na estrutura, mesmo reformada, a deixaria apreensiva. “Não dá para viver assim”, diz.

Ela não é a única. Segundo José Gama Christo, empresário e porta-voz dos moradores do condomínio, há outros proprietários com o mesmo sentimento. “O trauma foi muito grande. As pessoas estão ressentidas, decepcionadas. E a morte do nosso porteiro agravou a situação”, pontuou.

Mas a expectativa dele é de que, nos próximos meses, essa decisão dos moradores não se confirme. “O relacionamento social entre os moradores sempre foi forte. Acho que essa integração fará com que eles queiram retornar e reerguer tudo, se for possível”, disse Christo.

Ex-moradora do 28º andar, Lucélia Martins de Oliveira não vê possibilidades de voltar para o local. “É uma sensação de ter perdido tudo, ver nosso esforço todo ficando lá

dentro. Agora, vai ser um dia de cada vez.”

RETIRADA

Muitos moradores aproveitaram a última oportunidade de retornar aos apartamentos, na tarde de ontem. Diferentemente do primeiro dia, a maioria deles carregou eletrodomésticos pequenos como micro-ondas e televisão, além de poltronas e painéis. Alguns moradores alugaram veículos de frete para ajudar no deslocamento.

Às 15h, o condomínio foi interditado por tempo indeterminado pela Defesa Civil Estadual. Desde então, nenhum morador pôde mais entrar e a locomoção no local foi permitida apenas para quem já estava dentro do prédio.

A jornalista Carla Einsfeld, 31 anos, e o marido, subiram pelo menos seis vezes os 11 andares de escada até o apartamento onde moravam. Sem previsão de volta, eles desmontaram o quarto inteiro do filho, um bebê de três meses, e levaram até o berço. “Deixei só as fraldas para trás. Agente não sabe o que vai acontecer daqui pra frente, então estamos levando tudo. Agora, vamos para a casa da minha mãe



FOTOS: VITOR JUBINI

Micro-ondas na bagagem

O aposentado Carlos Curto, 71 anos, teve trabalho dobrado ao retirar objetos dos apartamentos onde as duas filhas moram. Com a ajuda da família, ele conseguiu levar micro-ondas, televisão e outros eletrodomésticos.

até conseguirmos nos estruturar”, declarou.

O aposentado Carlos Curto, 71 anos, teve trabalho em dobro. Com duas filhas morando no condomínio, uma delas em viagem para fora do país, ele teve que reunir amigos para retirar objetos nos dois apartamentos. Eles conseguiram levar televisão,

instrumentos musicais e lembranças da família.

“Já subi a escada umas cinco vezes. Estamos aqui desde a manhã. Prioridade era pegar os álbuns de família, porque minhas filhas têm um apego grande. Como não sabemos quando elas poderão voltar, pegamos malas emprestadas e contamos com ajuda para

buscar as roupas, eletrodomésticos. Estamos tirando o máximo de coisas possíveis”, contou, na tarde de ontem.

A partir de agora, a responsabilidade da entrada de moradores no prédio é do condomínio. Apesar disso, a orientação da Defesa Civil, que interditou o local, é que ninguém entre nos apartamentos.

Mudança para lar improvisado

“Sem casa, os moradores do condomínio estão tendo que improvisar lares temporários. Muitos estão ficando em hotéis, outros contando com a solidariedade de amigos e familiares.

Na tarde de ontem, o médico Paulo Henrique Mansur retirou as últimas caixas com roupas e objetos pessoais do apartamento onde morava. Ele, a mulher e os dois filhos, um deles recém-nascido com 22 dias, estão se hospedando na casa da sogra.

“Estou pegando tudo o que posso, só não consegui trazer os móveis. Estamos levando até os brinquedos das crianças para a casa da minha sogra, pois é onde vamos ficar nos próximos dias”, contou.

Já a família de Cláudia Rodrigues, 32 anos, optou por um hotel até procurar um lar fixo. “Ninguém sabe o que vai acontecer. Nestes primeiros dias, vamos nos virando em quartos no hotel.”

TRAGÉDIA NA ENSEADA

Tapumes

Ontem, homens trabalhavam para colocar tapumes protegendo a área do condomínio FOTO: Vitor Jubini



EXPLOÇÃO DESCARTADA

Defesa Civil disse que não há sinais do perigo na área da piscina

« O chefe do departamento de prevenção da Defesa Civil Estadual, major Fábio Maurício Rodrigues Pereira, descartou ontem que o desabamento da área de lazer do condomínio Grand Parc Residencial Resort, na Enseada do Suá, em Vitória, tenha sido provocado por uma explosão.

Essa hipótese chegou a ser levantada por moradores e até por pessoas que moram próximas à região e que ouviram um forte barulho no momento do acidente.

Mas não há nenhum indício de que esse tenha sido o motivo do desabamento, segundo o major. “Não houve explosão. Não vimos nenhum sinal de explosão na área da piscina”, assinalou.

DISTÂNCIA

Uma explosão, segundo o major, tem sempre um epicentro, e ela também lança material a longas distâncias. “A gente iria encontrar pedaços da piscina em outras áreas, a até 15 metros de distância, por exemplo. Não achamos nada disso no local. As pessoas ouvem um barulho e se confundem”, explicou.

O major afirma que de acordo com as primeiras vistorias feitas no condomí-

PROBLEMAS

GARAGENS

▼ Subsolo

Há uma lâmina d’água, de cerca de 15cm, que desceu junto com a piscina e está acumulada no local.

CABOS

▼ Expostos

Há vários cabos elétricos dentro da água, o que também não permite que a energia elétrica seja ligada em qualquer área do condomínio.

REDES

▼ Comprometidas

Há relatos de que houve danos às redes de esgoto, água, além do gás.

nio, não há riscos visíveis sobre uma possível chance de desabamento de nenhuma das três torres. “Não há evidências visíveis que apontem risco de colapso da estrutura das torres. Já verificamos nos dois dias todos os pilares principais de sustentação delas e não há sinais nesses pilares que apontem um risco de desabamento”, relatou.

Na área onde ficava a garagem do subsolo, há uma

lâmina d’água de cerca de 15cm, que desceu junto com a piscina e está acumulada no local. Há vários cabos elétricos dentro da água, o que também não permite que a energia elétrica seja ligada em qualquer área do condomínio.

Ele explica ainda que o próprio prédio não tem condição de uso. A rede de esgoto está avariada e não tem energia elétrica. “Não há condição nenhuma de uso do prédio, além do risco de acidentes para as pessoas que moram nas instalações em decorrência dos escombros”, disse.

E mesmo com as duas lajes no chão, existem carros e motos que ainda estão intactos. “O grande problema é como vamos tirá-los de lá, pois estão embaixo do concreto e a laje bloqueia a passagem desses automóveis”, explicou o major.

Ele explicou que há um trabalho em conjunto dentro do condomínio. A Polícia Civil investiga a parte criminal, pois houve a morte de um funcionário. Já a Defesa Civil cuida da segurança dos moradores que voltam aos apartamentos para retirar pertences e do trânsito na região em volta do condomínio.



Casa vazia

Cláudia Rodrigues ajudou os amigos a esvaziar o apartamento. “Pegamos malas emprestadas e tiramos tudo do guarda-roupa. Tiramos tudo”, disse.

MARCELO PREST



“Roupa do corpo”

“Minha sobrinha desceu com a roupa do corpo e ainda perdeu dois carros com equipamentos de trabalho, pois ela é médica”, disse Lucia Nascimento, tia de moradora.

Carros correm risco de explodir

« Outro foco de preocupação da Defesa Civil estadual é com o combustível presente nos carros que estão sob os escombros. “O combustível ainda está lá, esses líquidos são voláteis, e há risco em caso de rompimento de um tanque de combustível. É claro que assim que começarem as obras, esse risco será levado em conta, para evitar um segundo acidente. Mas o risco existe sim”, afirma o major Fábio Maurício Rodrigues Pereira

O major lembra ainda que há obras no local que já precisam ser feitas, para separar por completo uma das lajes do restante do condomínio, que ainda está atrelada às torres. “Há uma frente de trabalho importante, que é emergencial. Existe uma das lajes que desabou que está ligada à estrutura dos outros prédios. Isso precisa ser cortado para garantir maior segurança das três torres, que estão intactas”, explicou o major.

TRAGÉDIA NA ENSEADA

ÁREA DE LAZER PODE CONTINUAR DESABANDO

É o que avalia perito após vistoria realizada ontem

▄ Apesar das estruturas das três torres do condomínio Grand Parc estarem seguras, segundo a vistoria realizada pela Defesa Civil, ainda há riscos de novos desabamentos na área de lazer.

A constatação é do coordenador do Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia (Ibape), Robson Gaiofatto, após visita ao local na tarde de ontem. “Não há indícios que as torres estejam comprometidas, mas há riscos de novas movimentações na área de lazer. Não é possível descartar um novo desabamento”, explicou.

Uma série de proble-

mas no local impede que as pessoas habitem os apartamentos novamente. Entre elas, estão a falta de energia, água, esgotos espalhados pelo condomínio e vigas expostas. “O fato de as torres não estarem comprometidas não quer dizer que as pessoas podem voltar a morar no local. A água e a luz foram cortadas, há escombros que ainda podem se movimentar. Não é um trabalho simples ou rápido”, comentou Gaiofatto.

VISTORIA AO REDOR

Por precaução, os prédios vizinhos do hotel Golden Tulip e do centro comercial Corporate Of-

fice também passaram por perícias. Uma equipe de engenheiros vistoriou o local na tarde de ontem para verificar se houve algum comprometimento da estrutura.

De acordo com o coordenador da Defesa Civil Municipal, Jonathan Jantorno, não há riscos em prédios da região. “Ontem, foi feito um trabalho de vistoria e constatado que não havia riscos, mas estes prédios ao lado, que são parede com parede ao condomínio, solicitaram uma perícia por conta própria, por precaução. A princípio, não há qualquer tipo de problema”, ressaltou.



FOTO: LEITOR

As lajes da área de lazer do Grand Parc estão instáveis, segundo perito do Ibape

PREOCUPAÇÃO



“Não há indícios que as torres estejam comprometidas, mas ainda há risco de movimentação na área de lazer. Não é possível descartar outro desabamento”

ROBSON GAIOFATTO
PERITO

Empresa alega que usou material adequado

▄ Sob a suspeita de erros na construção, as empresas responsáveis pelo Grand Parc negam ter agido com imprudência durante as obras. A Incortel informou que o empreendimento erguido respeitou os projetos estruturais. E que realizou os testes de tensão do aço e de resistência do concreto, conforme exigido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Segundo a empresa, o aço usado era homologado

no Brasil. A Incortel também afirma ter contratado uma perícia para analisar as causas do acidente.

Representantes da MCA Estruturas, responsável pelo projeto estrutural, disse que não houve erros de cálculos e que o acidente poderia ter sido evitado se o condomínio ou as construtoras tivessem solicitado manutenção. Já a Cyrela informou prestar assistência às vítimas e que vai colaborar com as apurações.

TRAGÉDIA NA ENSEADA

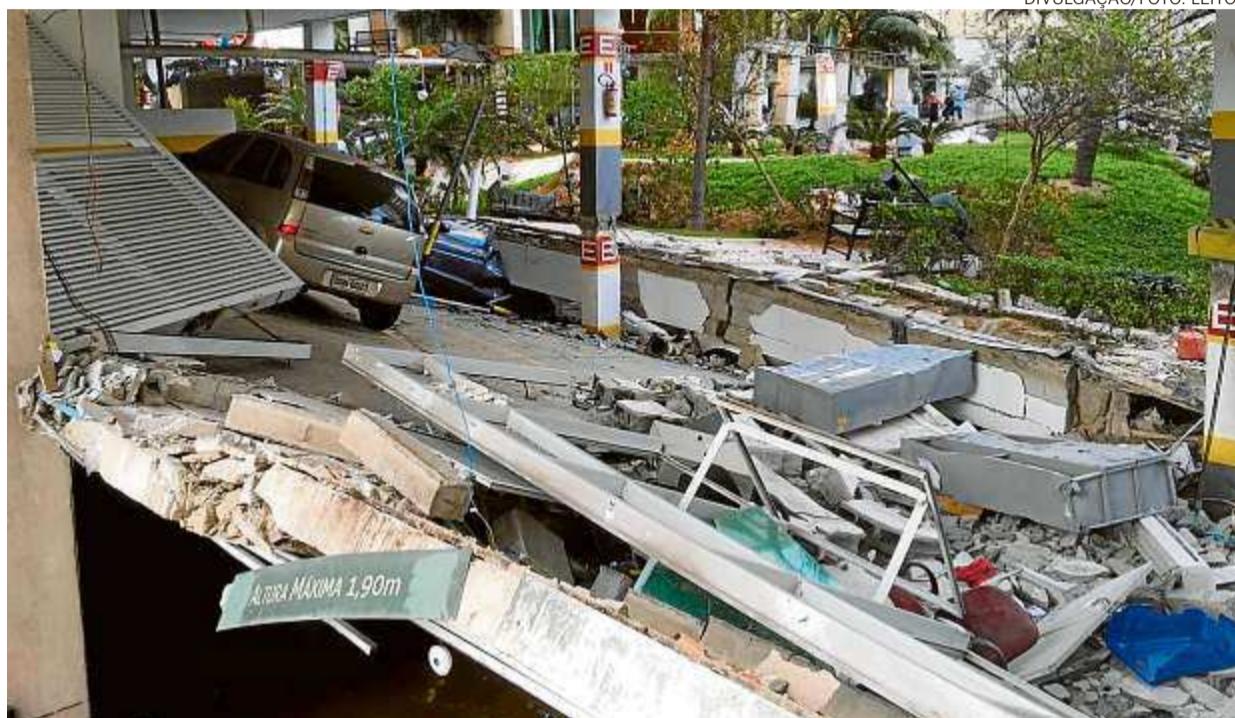
“DESABAMENTO DESTES TIPO É MUITO RARO”

Gravidade da destruição impressiona peritos e engenheiros

« A grandiosidade da tragédia no Grand Parc Residencial Resort espanta especialistas e deixam no ar dúvidas sobre como a luxuosa área de lazer do condomínio desabou de forma repentina. Ainda que rara, a ruptura da laje, na visão de peritos e engenheiros que acompanham os trabalhos de investigação, não é efeito de apenas um erro. A principal teoria apontada até agora pela Incortel, construtora responsável pela obra, é que a piscina coberta do empreendimento tenha entrado em colapso. Mas, para os técnicos, só uma sucessão de falhas pode ter levado toda a estrutura abaixo.

“É precipitado apontar um culpado sem estudar o projeto estrutural, sem verificar as imagens do local, sem analisar se havia tensões nas áreas afetadas e sem fazer ensaios com o material da obra. Só após toda essa investigação será possível ter um parecer fiel sobre os motivos”, afirma o coordenador da Câmara Civil do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea-ES), Jaime Oliveira Veiga, que ajudou no resgate do corpo do porteiro Dejair das Neves.

Para ele, para que a piscina tenha provocado o desabamento, seria necessário que a estrutura de todo o pavimento já apresentasse deformidades e uma sobrecarga. “É pouco provável que uma infiltração tenha sido o

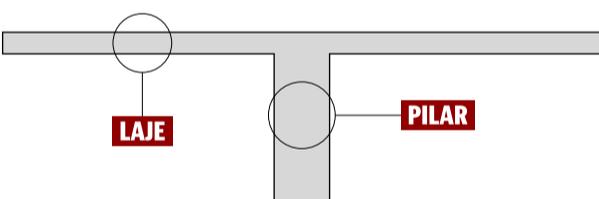


Os dois pavimentos de garagem do condomínio ficaram completamente destruídos após o desabamento

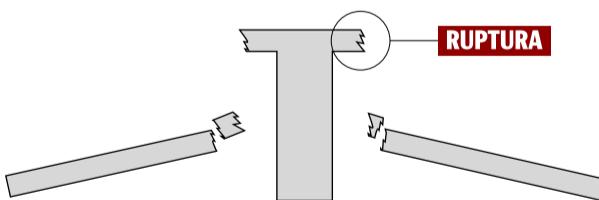
estopim para o rompimento da laje. Como a obra é nova, com cerca de seis anos desde a inauguração, não haveria tempo suficiente para que o concreto e o aço fossem corroídos. A não ser que a água estivesse empossada dentro da laje”, explica Veiga.

O presidente do Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia (Ibape), Rubio Marx, se diz impressionado com a dimensão do desastre. “É muito raro, atípico esse tipo de desabamento. As pessoas não têm noção do tamanho da destruição. É algo assustador”, diz, ao acrescentar que imprecisões no projeto es-

RUPTURA DA LAJE



Segundo especialistas, o desabamento no Grand Parc se assemelha aos casos de rupturas por punção, quando a laje, por problemas de dimensionamento, se desprende dos pilares, caindo por inteira



Infografia | Marcelo Franco

DIVULGAÇÃO/FOTO: LEITOR

CAUSAS

▼ **Falhas:** Para especialistas, só uma perícia poderá confirmar as causas do acidente, mas as características do desabamento levantam suspeitas sobre o projeto estrutural, sobre a execução da obra ou mesmo sobre a qualidade do material empregado na obra.

▼ **Erros de cálculo:** O projeto estrutural será analisado com detalhes para tentar descobrir se houve erros de cálculos ou se não respeitava normas técnicas de construção.

▼ **Execução da obra:** A perícia também vai analisar se o projeto estrutural estava correto, porém se não foi respeitado pela construtora, com a possibilidade, por exemplo, da construção da laje ser fora dos padrões, com dimensionamento abaixo do necessário para aguentar os itens de lazer, como piscinas, academia e jardins.

▼ **Material da obra:** Serão testados e analisados para descobrir se também estão em conformidade com as regras brasileira. A intenção também é saber se a quantidade de material empregado foi suficiente para dar equilíbrio ao pavimento.

trutural, problemas na execução, uso de materiais inadequados, como concreto e aço fora dos padrões, e intervenções indevidas de moradores são observados nesses casos. Segundo ele, Crea e Ibape vão assessorar a engenharia da Polícia Civil nas investigações. “De cima para baixo parece que a laje desceu inteira, mas de perto podemos ver que ela está toda quebrada”, complementa.

A queda do pavimento da forma que ocorreu no Grand Parc é chamada na engenharia como ruptura por punção, quando lajes, não sustentadas por vigas, se desprendem dos pilares.

Condomínio contrata perícia e avaliador

« Na tentativa de acelerar a volta para a casa, os condôminos do Grand Parc contrataram uma empresa especializada em avaliação da estrutura que emitirá, em até 30 dias, um laudo técnico sobre a segurança das três torres do empreendimento. Os trabalhos de avaliação começaram ontem, segundo o coordenador

da comissão de moradores, José Gama de Cristo. “Nosso objetivo é saber se os prédios estão intactos ou se foram abalados pelo desabamento”.

O grupo também deve fechar nos próximos dias um contrato com um perito que, após a liberação do local pela Polícia Civil, vai contribuir com as investigações ao buscar as

causas e os culpadas pelo colapso na estrutura da área de lazer do residencial. O documento vai auxiliar os moradores na busca de seus direitos.

Segundo Cristo, em 2011, diante de falhas pontuais na obra recém-entregue, como infiltrações na área de academia e piscina, por exemplo, o condomínio contra-

tou uma perícia para verificar se a obra era segura e se respeitava as normas técnicas. “O relatório na época não encontrou nada de extraordinário em relação à estrutura. Os problemas que existiam eram relacionados ao material de acabamento. Não existiam indícios de que algo tão sério poderia acontecer”, acrescenta.



VITOR JUBINI

Mudança

Os moradores do edifício voltaram ontem aos apartamentos para retirar seus pertences. Alguns deles usaram caminhão para levar objetos e malas.

TRAGÉDIA NA ENSEADA

CARROS SOTERRADOS DIFICULTAM VISTORIA

Indenizações não são concedidas sem a avaliação

Os moradores do Grand Parc Residencial Resort que tiveram seus carros danificados ou destruídos no desabamento enfrentam agora a dificuldade para garantir a indenização por suas perdas.

É que para ser concluído, o chamado processo de sinistro - que garante a indenização ou conserto do veículo - depende de uma vistoria. Mas a dificuldade é que a maioria dos carros está completamente soterrada e outros, mesmo que parcialmente atingidos, não podem ser acessados.

O local da tragédia foi interditado pela Defesa Civil Estadual e o acesso de peritos ou vistoriadores particulares ainda não foi autorizado.

O diretor da UP Seguros, Luiz Fernando Magalhães, explica que a vistoria faz parte do processo e é exigida pelas seguradoras. "Mas, diante da situação, pode haver uma avaliação das se-

INDECISÃO



"Em um primeiro momento, ninguém quer voltar, mas não tenho outra casa. Fomos felizes aqui"

ANDRESSA MORETTO
ENGENHEIRA

TRISTEZA



"É muito triste ter que sair de casa desse jeito, mas o mais importante é que estamos bem"

MARCELA CARRERA
ARRABAL DENTISTA

guradoras sobre o assunto", assinala.

Por enquanto, relata Magalhães, para auxiliar os clientes estão sendo liberados carros extras. Mas o benefício depende do que está previsto na apólice de seguros de cada proprietário.

Algo que uma moradora do prédio, que ediu para não ser identifica-

da, não conseguiu. Ela já acionou sua seguradora, mas enfrenta dificuldades porque seu veículo foi soterrado. "Já estamos enfrentando tantas dificuldades e agora mais esta. Não se sabe quando os escombros serão retirados e quando nossos veículos poderão ser vistoriados. É um absurdo", desabafou.

DIVULGAÇÃO/FOTO LEITOR



Acesso às garagens do condomínio está proibido

ABATIMENTO



"SE FOSSE DE DIA, TERIA SIDO BEM PIOR"

José Gama Christo
Porta-voz dos moradores

José Gama Christo, representante dos moradores do Grand Parc conversou com A GAZETA. **O edifício já vinha apresentando problemas?**

Nós não tínhamos conhecimento nenhum sobre algo que comprometesse a estrutura. Mas tínhamos alguns problemas de alvenaria, de obras, enfim, de acabamento. Tivemos uma série desses problemas de acabamento nesses prédios, desde a entrega. Tanto é que tivemos que entrar com a assistência técnica por vários meses, fazendo as correções.

Na visão dos moradores a tragédia poderia ter sido pior?

Nos deixa muito abatedos o fato de perdermos um funcionário. Mas se fosse durante o dia, a partir de 6h da manhã, com a academia cheia, seria pior ainda.